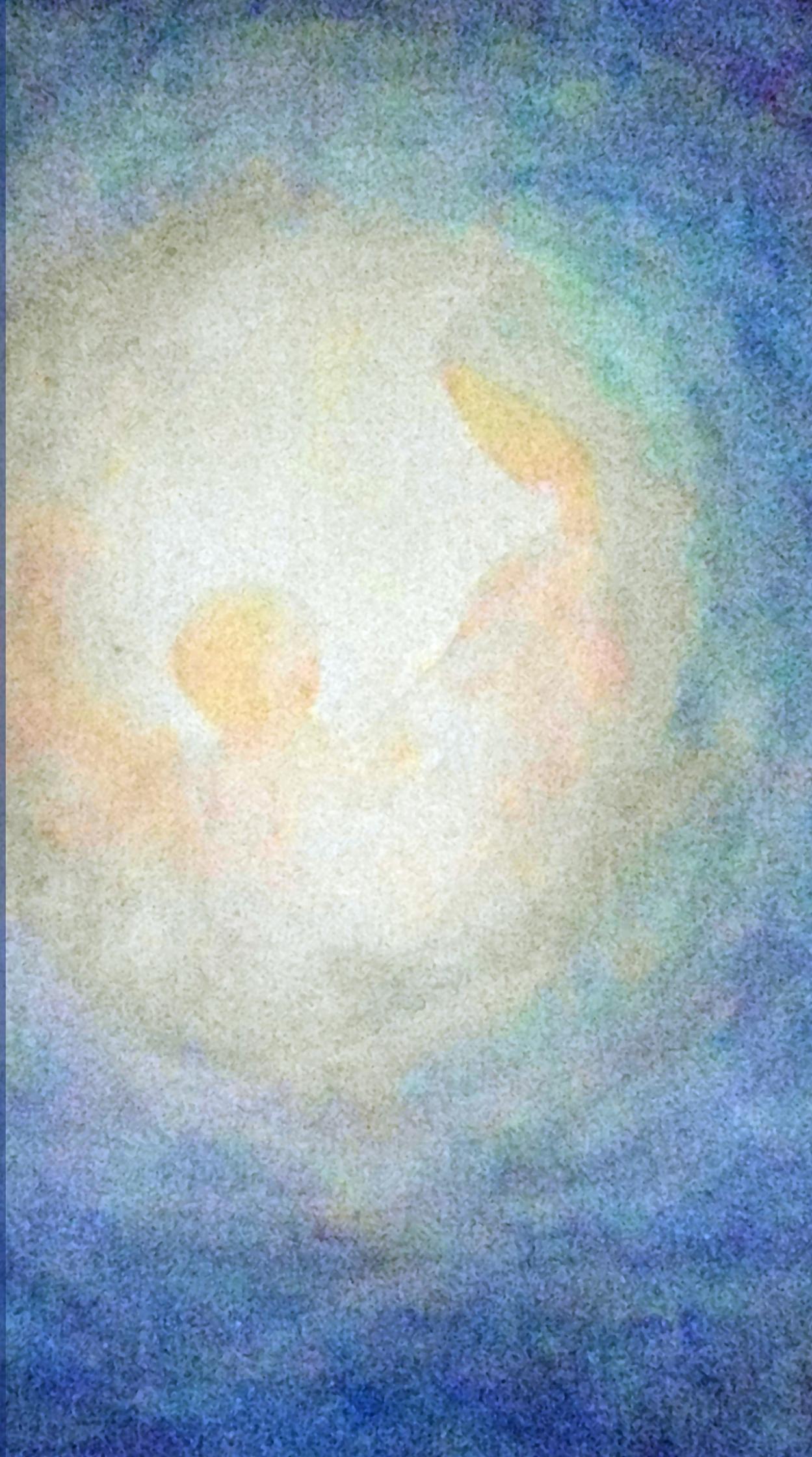


INFORMATIVO  
OCCASIONAIS  
FRANCISCO

VERÃO | 2017 | ANO II - Nº 8



# EDITORIAL

por Tereza Racy

A Antroposofia está se encontrando com as pessoas seja pelas mãos da Medicina, da pedagogia Waldorf, da Agricultura Biodinâmica, da Biografia Humana, da Educação Terapêutica, da Eúritmia seja pelas mãos da *Cristologia*.

Rudolf Steiner, em *Anthroposophische Leitsätze* (Dornach, 1924 -GA 26), na tradução de Waldemar Setzer, enuncia que Antroposofia “é um caminho de conhecimento que deseja levar o espiritual *da entidade humana para o espiritual do universo*. Ela aparece no ser humano como uma *necessidade do coração e do sentimento*, e deve encontrar sua justificativa no fato de poder proporcionar a satisfação dessa necessidade. ...”

Diante disso podemos questionar: onde nos toca a Antroposofia? Muitas são as possibilidades. Ela pode brilhar em nós descortinando novos caminhos de conhecimento, pode desvendar a nossa criatividade, nossas capacidades artísticas ou nosso lado de colocar a mão na massa e realizar as tantas ações necessárias à efetivação de todas as suas vertentes. Enfim, indicações e consequentes identificações surgem de leituras aqui e ali. Mas há uma tônica em todas elas: o advento do Cristo na Terra carregando em si a força de um novo impulso para o desenvolvimento da humanidade. Impulso para caminharmos buscando nos elevar do individual para o coletivo, acolhendo as diferenças em nossos corações, buscando o *entendimento social*, através da *liberdade de pensamento* e do *discernimento no espírito*, ideais concretos para a nossa Era. Tudo isso, permeado pelo AMOR, que “*nada detém*” ... “*nem os fechos mais duros, nem as trancas e os muros. Seja o que for. Não tem fim, nem começo. Ele é sempre existente! Suas asas batendo eternamente*” (Matthias Claudius – poeta alemão - 1740- 1815).

# SUMÁRIO

- 03 - SUMÁRIO / EXPEDIENTE
- 04 - REFLEXÃO DE ÉPOCA  
*Chega o Natal: Nascimento!*
- 06 - O DESENROLAR DE UM FIO MÁGICO  
*Sua individualidade*
- 08 - FOLHA LIVRE  
*Quando a brincadeira vale ouro*
- 10 - FALANDO COM O DOUTOR  
*O que a memória ama fica eterno*
- 12 - A VOZ DA COMUNIDADE  
*A família que sempre sonhamos*
- 14 - É ASSIM QUE SOMOS  
*Aprendemos a aprender*
- 16 - ACONTECEU NA FRANCISCO  
*Viagem para Botucatu | Mineralogia e Astronomia*

## EXPEDIENTE

**Editorial:** *Tereza Racy*

**Colaboradores:** *Daniel Moraes Rocha, Fernando Andrade, Gabriel Lopes Argello Cunha, Jéssica Oliveira, Jessica Scalabrini, João Cortese, José Carlos Machado, Letícia Heinz França, Monike Dutra, Rosa Crepaldi, Stella Barreto Giroto, Thiago Borzarian, Vicente Borghi, Vidal Bezerra, Vinicius Pereira Mercante Magalhães e Silva.*

**Projeto Gráfico e Diagramação:** *Felipe Kertes*

**Capa:** *Sonia Maria Clausen Johnson Bomfim*

**Fotos:** *Arquivo EWFA*

O Informativo Francisco é uma publicação trimestral da Associação Humanista Francisco de Assis (EWFA) e é distribuído gratuitamente.

Sugestões, comentários e críticas para [secretaria@escolafranciscodeassis.com.br](mailto:secretaria@escolafranciscodeassis.com.br)

Av. Basiléia, 149 - Lauzane Paulista - São Paulo - SP  
CEP 02440-060 / (11) 22310152 - (11) 22317276

[www.escolafranciscodeassis.com.br](http://www.escolafranciscodeassis.com.br)



## REFLEXÃO DE ÉPOCA

# Chega o Natal: Nascimento!

por João Cortese | Professor de Filosofia e Matemática na EWFA

**C**om o boi e o burrico, nos aproximamos da manjedoura, onde, no canto mais escondido, Jesus veio à Terra. Esperava-se que o Messias viesse com a grandeza de um rei terreno, com trombetas soando! Mas foi no segredo da simplicidade que ele veio ao encontro dos homens.

Meditemos um pouco sobre esta mensagem: a grandeza exterior não é o que importa para um coração que sabe amar. Nesta época do ano é comum que nos percamos em quantidades: de compromissos, de datas, de presentes, de lugares a ir durante o final do ano... Um momento de silêncio interior pode ajudar a nos perguntarmos: para onde vamos mesmo?

Se olharmos para cima, reconheceremos a estrela que nos guia até o Menino-Luz. Os magos souberam fazê-lo: confiaram no anúncio. Deixaram de lado aquilo que os ocupava e seguiram o chamado. No fundo, sabemos muitas vezes onde é que somos esperados. O difícil é o caminho até lá: deixar de lado aquilo que importa menos, *preo-*

*cupar-se* menos com as questões práticas e *ocupar-se* mais com os encontros pessoais.

Os magos e os pastores, grandes e pequenos vêm até o Cristo para adorá-lo, para louvá-lo, para glorificá-lo: para reconhecer a alegria daquele momento. Vinde, adoremos; vinde, adoremos: veio à terra o Salvador! É uma ocasião de felicidade, na qual queremos mostrar a grandeza do menino que nasceu no estábulo.

Que podemos oferecer nesta festa? Conta-se que Magos levaram ouro, incenso e mirra ao recém-nascido. E nós, que temos para dar? Lembremos de alguns dos tesouros que podemos distribuir: nosso tempo, nossa atenção e simplesmente compartilhar a nossa alegria. Podemos buscar aqueles de quem há tempos não temos notícias; falar um pouco mais com aqueles com quem convivemos, mas ao lado de quem passamos rápido demais; buscar ajudar os menos favorecidos. Podemos aqui nos lembrar de um conto dos irmãos Grimm, *A menina pobre*:

*Era uma vez uma menina pobre. O pai e a mãe haviam morrido e ela não tinha mais casa para morar, nem uma cama para dormir. Não tinha nada nesse mundo, exceto as roupas do corpo e um pedacinho de pão que recebera de uma alma piedosa. Apesar de tudo, ela era religiosa e piedosa. Enquanto andava a esmo, cruzou com um homem muito pobre, que tanto implorou por comida que ela lhe deu seu pedacinho de pão. Seguindo em frente ela se deparou com uma criança, que disse: “Estou com tanto frio na cabeça, por favor, dê-me algo com que eu possa cobri-la”. A menina então tirou sua touca e a deu à criança. Mais à frente, deparou-se com outra criança que não tinha camiseta, e então ela lhe deu a sua. Em seguida, outra criança lhe pediu uma saia, e a menina prontamente lhe deu a sua. Finalmente, quando já era noite, a menina chegou a uma floresta. Ali, outra criança se aproximou e lhe pediu uma camisola, e a piedosa menina pensou: “A noite já está escura, eu posso muito bem dar essa camisola”, e a deu para ela. Então, de repente, começaram a cair estrelas do céu, que se transformaram em sólidas moedas de prata, e ela, apesar de ter entregue sua camisola, reparou que estava, sim, vestindo uma, mas essa era uma peça do mais fino linho. Ela então juntou as moedas e tornou-se rica para o resto da vida!*

Doar aquilo que temos, doar até mesmo aquilo do que precisamos, é uma atitude que pode ser buscada no período do Natal. O próprio Jesus trouxe uma ideia semelhante a esta durante o período de sua vida pública:

*Levantando os olhos, ele viu os ricos lançando ofertas no Tesouro do Templo. Viu também uma viúva indigente, que lançava duas moedinhas, e disse: “De fato, eu vos digo que esta pobre viúva lançou mais do que todos, pois todos aqueles deram do que lhes sobrava para as ofertas; esta, porém, na sua penúria, ofereceu tudo o que possuía para viver”. (Lc 21, 1-4)*

Os ricos doavam muito, mas isto era pouco comparado ao que eles tinham. A pobre viúva doou apenas duas moedinhas – mas eram as moedinhas que precisava para viver. A verdadeira doação não vem do supérfluo, nem da vontade de se mostrar aos outros homens: ela é fruto de um esforço, no fim das contas, da doação de si mesmo. Esta foi uma das mensagens que o Cristo trouxe aos homens, e a razão de festejarmos a sua vinda. Estamos fazendo algo em nossas vidas neste sentido? Talvez pareçam ser ideais difíceis demais de

serem alcançados. De fato, Jesus nos ajudou a reconhecer nossas limitações; mas ele ofereceu também o seu perdão e a possibilidade de uma felicidade maior – daí que celebremos o seu nascimento.

É natural que, ouvindo uma coisa boa, queiramos compartilhá-la; que vivendo uma coisa boa, queiramos dividi-la com aqueles que amamos. Daí que o mais importante – e às vezes o mais difícil – seja neste momento nos reunirmos com aqueles que nos são próximos. Aqueles que nos criaram, aqueles com quem crescemos, aqueles a quem demos a vida: nossa família.

Naquele estábulo escondido, no frio de uma noite esquecida por muitos, o menino não está sozinho: José e Maria fazem tudo o que podem pelo filho. Não deixam que o clima gélido o envolva, pois seus corações o acalentam. O principal não são o fogo ou as malhas: a criança é realmente confortada pelo amor de um pai e de uma mãe. Aqueles que se sacrificam pela criança sem que por isso sejam reconhecidos. Longe das luzes da glória, oferecem-se ao pequeno menino. Os pais servem sem se queixar; os pais dão sem esperar receber; os pais amam e, por amar, doam-se.

Nascimento é momento de esperança: de saber que podemos doar mais, que podemos nos doar mais. Pois, como dizia Francisco de Assis, é dando que se recebe, é perdoando que se é perdoado, e é morrendo que se vive para a vida eterna.

Como nos prepararmos para esta data? Chama-se aos quatro domingos que precedem o Natal o tempo do Advento: o caminho rumo àquilo que chega. Sempre com vistas à festa que se aproxima, há várias boas ideias: podemos relembrar histórias desta data, abrir dia a dia o calendário do advento, cantar canções de Natal, partilhar com aqueles que têm menos recursos, preparar um bonito presépio. O que importa é acima de tudo como faremos cada uma dessas coisas: preparamos, principalmente, os nossos corações.

Ano após ano a estrela para sobre o estábulo; o momento chega e uma luz intensa emana daquela pobre manjedoura. Em silêncio, aproximemo-nos do boi e do burrico: podemos ajudar a acalentar este presépio. Jesus nasceu! Feliz Natal.



## O DESENVOLVER DE UM FIO MÁGICO

### Sua individualidade

por Jéssica Oliveira | Professora do 1º Ano W

**A** maior realização de um professor é perceber, ao longo de sua trajetória, que foi capaz de despertar em seus alunos a autêntica percepção daquilo que trazem consigo de forma única e intransferível: sua individualidade.

Vivemos em uma sociedade, na qual somos obrigados a abafar diariamente aquilo que acreditamos e que foge dos padrões ideais, nossos pensamentos, ideias.... Existe uma verdadeira padronização de resultados, quase que uma receita para o sucesso, mas, onde de fato se encontra o ponto de chegada desse caminho para o triunfo?

O ato de ensinar deve estar incutido de aventura, de entrega, de trocas. Cabe às relações humanas justamente despertar a percepção daquilo que há de distinto em cada um, pois a trama da vida, é constituída de fios de diversas texturas, cores, tamanhos... o mundo tornar-se-ia verdadeiramente acinzentado caso fossemos idênticos.

Dentro do ambiente do 1º ano Waldorf, cotidianamente buscamos perceber individualidades, a partir daquilo que cada uma traz como sonho. O sonho é libertador, único e individual, e o caminho mais oportuno que encontramos para per-

cebê-lo, é através do amor. Quando o amor permeia as relações, sejam elas profissionais ou familiares, presenteia-as com um incrível arca-bouço de qualidades da vida anímica. Somente com o amor pode-se encarar o outro com respeito e admiração por quem ele de fato é, e mais ainda, por aquilo que ele poderá vir a ser. Educar com amor, propícia notar cada característica individual com extremo apreço, perceber com sutileza o que aquele ser humano único trouxe consigo, e o que ele espera e precisa receber do mundo ao longo de sua trajetória.

No convívio diário, incentivamos o respeito mútuo, o olhar amoroso e a compreensão de que ninguém é exatamente igual a ninguém, e que pode ser prazeroso conviver desta forma. Quando surgem desarmonias ou discordâncias, conduzidas através de narrativas e imagens, os alunos são levados a pensar e refletir sobre espaço individual e coletivo, respeito e sentimentos. Partindo do princípio de que quanto mais se tem, mais se doa, torna-se uma nobre missão para educadores e alunos (ainda que de maneira inconsciente) esforçar-se sinceramente para interessar-se pelo próximo com respeito e admiração, a fim de receber com gratulação o que ele tem para oferecer e igualmente doar-se daquilo que transborda de forma mais latente e bela dentro

de si, compartilhando suas aptidões ao ajudar alguém, sua admiração genuína desprovida de julgamentos.

E então, como demonstrar para as crianças, através de atitudes esse elevado sentimento que é o amor? Amando-as da forma mais fidedigna possível, garantindo que se sintam amadas. O sentimento dedicado, quando sustentado naquilo que carregamos como verdade dentro de nossos corações, certamente resulta na construção de relações sólidas, permeadas de sinceridade e respeito.

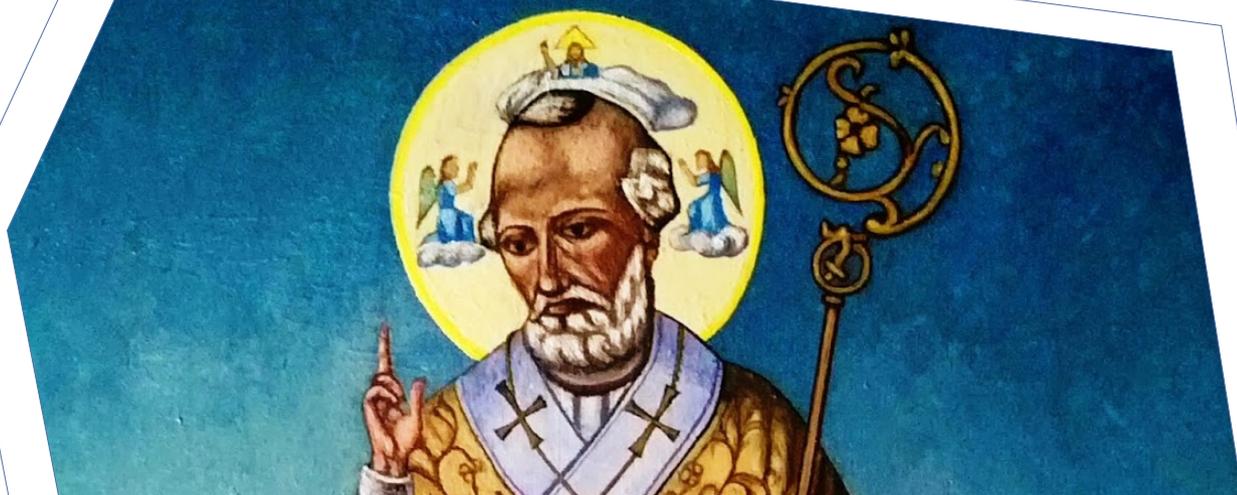
Certa vez, realizamos no final do período, um momento de "trocas", como costumemente me refiro às rodas de conversas. Cada um pegou sua almofada e nos sentamos no chão. Comecei fazendo duas perguntas para eles. Fiz uma e todos responderam. Feito isso, fiz outra, pois necessitava que respondessem com muita sinceridade. Dessa forma, perguntei "o que outros colegas (sem citá-los) fazem aqui na escola que deixa você triste?" Nesse momento, todos participaram de maneira bastante interessada. Erguiam os dedinhos para falar e sem titubear sabiam dizer exatamente o que alguns colegas faziam que os irritava, ou os deixava chateados. Logo após questionei: "o que você faz aqui na escola, que pode deixar um colega chateado?" Silêncio... Tornei a perguntar, encorajando-os a falar, e aos poucos, com bastante desconfiança, começaram a refletir sobre suas próprias atitudes, pensando ainda no que poderiam mudar para evitar chatear seus colegas. Depois desse dia, notei que as crianças pensavam com mais carinho no outro, tanto pelo fato de terem escutado apontamentos que diziam respeito às suas atitudes que incomodavam seus amigos, como e, principalmente, porque indicaram o que faziam, até mesmo propositalmente, para provocar os colegas, sem se preocupar em como eles se sentiam.

O que aconteceu nesse exemplo, demonstra uma das formas que encontro para fazer com que as relações sejam verdadeiras e trespasadas pelo amor, despertando interesse e empatia pelo próximo, pois ditar regras, um monte delas, sem contexto, como: "façam isso, não aquilo, pois fazer assim é o mais correto" não desperta no ser humano a capacidade de enxergar o próximo, não os toca no âmbito da vida anímica e desta forma torna-se bastante árduo estabelecer vínculos não superficiais e respeitosos, no qual cada um tem o direito de demonstrar sua individualidade e a alegria em respeitar a individualidade do outro.

Nas escolas Waldorf, trabalhamos intensamente a esfera anímica do ser humano, principalmente a partir do segundo setênio, e isso é feito através de histórias, canções, versos e poemas. As crianças vinculam-se fortemente com personagens que conhecem nas narrativas e, podem observar dessa maneira, o que acontece com cada um deles, de acordo com suas atitudes no desenrolar da história. Assim, dia após dia, vão se dando conta de que quem pratica o bem, o respeito e a sinceridade, acaba sempre conduzido por caminhos melhores e mais felizes do que aqueles que optam por levar a vida em cima de mentiras, sentimentos ruins e descompaixão. Essa é uma das maneiras que dispomos de mostrar-lhes atitudes amorosas, tocando-lhes profundamente, sem ser necessário fazer uma lista do que é mais adequado praticar, ou dizer que precisam respeitar e amar uns aos outros, porque isso é o mais correto a fazer.

E, oportunamente, nesta época tão especial do ano, temos a chance de nos trabalhar mais intensamente, no que diz respeito a contemplar essa grande luz de puro amor que abraça o mundo: a chegada do menino Jesus. Na pedagogia em específico, a época conhecida como "advento" (há de vir) é muito especial e intensa, inicia-se na primeira semana de dezembro como uma contagem regressiva para o dia 25.

Cada professor encontra uma forma de empenhar-se em trazer verdadeiramente o significado desse momento para sua constelação de alunos, circundando seu ritmo diário com canções, recitações e pequenas encenações, além de envolver o ambiente físico nessa atmosfera, através da preparação dos cantos de época e dos desenhos de lousa. Uma forma especial e cativante de proporcionar essa experiência é a coroa do advento, confeccionada pelo professor. Nela ficam dispostas quatro velas (azul, verde, amarela e vermelha) sendo que cada uma simboliza um dos quatro Anjos que anunciaram a chegada de Jesus na Terra, e, também quatro reinos: mineral, vegetal, animal e ser humano, respectivamente. As crianças contemplam e escutam histórias contadas pelo professor, à medida que ele acende uma vela por semana. É um momento de olhar para si e para as relações, com a intenção de compreender o autêntico exercício de fraternidade e amor, que evidentemente deverá ser praticado ao longo de toda a vida, em todas as épocas do ano.



## FOLHA LIVRE

# Quando a brincadeira vale ouro

por Fernando Andrade | Jornalista

**F**altavam alguns dias para o Natal e eu sonhava com aquele pedaço de ouro. Aquele metal amarelo me fascinava. Eu queria ser o príncipe do ouro encantador. Queria muito. Para isso tive que trabalhar, convencer. Algumas chantagens indevidas, trocas e promessas foram necessárias. Estava disposto a fazer tudo por aquele ouro.

Todos os dias que o mestre chegava em casa em sua carruagem eu corria para a janela para ver se havia algum pacote em suas mãos, algo brilhante.

Quando esse dia chegou eu saí correndo para encontrá-lo no meio do caminho. Nem disse olá, nem obrigado para o mestre e já fui abrindo o pacote. Era meu primeiro carrinho de ferro, amarelo ouro, aos seis anos de idade. Lembro com perfeição desse dia, mas hoje penso como um pedaço de metal poderia ser mais importante que a celebração do nascimento de Jesus.

Então, por que não transformar toda essa ansiedade e energia de um garoto criado num mundo materialista que via no Natal o momento de ganhar seu melhor presente, em uma pessoa consciente da importância de celebrar o nascimento de Jesus?

Foi confeccionando o calendário do Advento, munindo-o de pedrinhas e acendendo as velas azul, verde, amarela e vermelha que aprendi a verdadeira essência do Natal e descobri quem é São Nicolau.

Aprendi a avaliar o que ficou para trás, limpar o que está velho e deixar entrar o novo. Assim como dizia São Nicolau há séculos: “Se minha vidraça está opaca, a luz não entra, se está embaçada, a luz entra distorcida, e aí vem a inabilidade de aceitar o novo, aceitar um presente. Saber aceitar um presente da vida é uma qualidade especial”.

São Nicolau nasceu por volta do ano 270 numa região onde hoje é a Turquia e nunca morou no Polo Norte, e nem possuía uma fábrica de presentes. Muito menos um trenó. Era filho de cristãos muito ricos e ajudou quem precisava. É também conhecido como São Nicolau de Mira ou de Bari. Mas é o mesmo São Nicolau.

Aprendi sobre o Advento brincando. Numa noite de Natal resolvemos fazer um teatro com a família simbolizando todos elementos do Advento. Claro, não faltaram presentes e comidas que alimentariam o dobro de pessoas que ali estavam, mas mudamos a forma de celebrar o nascimento de Jesus. Adultos eram os reis. O Azul representava o reino mineral, o Verde, o vegetal, o Amarelo, o animal e o Vermelho, o reino humano. Incentivamos primos e primas que representaram os anjos e a criança mais nova da família simbolizava o menino Jesus. Pronto. O Natal nunca mais foi o mesmo.

Outro aprendizado, esse em constante aperfeiçoamento, é a tentativa de mostrar que o brincar é mais importante que o brinquedo. Se o meu “ouro” era o carrinho de ferro (bem mais simples que os atuais Hot Wheels) qual era o seu? É normal termos essa atração por um bem. Fazemos parte de uma sociedade consumista, porém vejo um movimento muito ascendente que prega o consumo consciente e que prova que o “menos é mais”.

Em 1907, Rudolf Steiner conta a história de um brinquedo para uma criança em “A Educação da Criança Segundo a Ciência Espiritual”: *Pode-se fazer para uma criança uma boneca com um guardanapo dobrado: duas pontas serão os braços, as outras duas as pernas, um nó servirá para a cabeça na qual algumas manchas de tinta indicam os olhos, o nariz e a boca. Também se pode comprar uma “linda” boneca com cabelos genuínos e bochechas pintadas, e dá-la à criança. Nem queremos insistir no aspecto horrível dessa boneca, perfeitamente capaz de estragar para sempre*

*o sentido estético sadio. Com efeito, o problema educacional mais importante é outro. Tendo à frente o guardanapo dobrado, a criança deve acrescentar, pela fantasia, aquilo que o transforma em figura humana. Essa atividade da fantasia tem efeito plasmador sobre as formas do cérebro. Este se “abre” da mesma maneira como os músculos da mão se deixam permear por uma atividade conveniente. Se a criança ganha a chamada “linda boneca”, nada resta ao cérebro para fazer, e este se atrofia e resseca em vez de desabrochar. Se os pais pudessem olhar, como pode fazê-lo o pesquisador espiritual, para dentro do cérebro empenhado em estruturar suas próprias formas, com toda certeza só dariam a seus filhos brinquedos suscetíveis de avivar as forças plasmadoras do cérebro. Todos os brinquedos que possuem apenas formas mortas e matemáticas ressecam e destroem as forças plasmadoras da criança, enquanto tudo que faz surgir a ideia da vida atua de maneira sadia. A nossa época materialista produz poucos bons brinquedos.”*

Brincar é um direito da criança e está na Constituição. Brincar com amor melhora o desenvolvimento cognitivo e impacta em três atividades básicas: a memória, a linguagem e a capacidade de se antecipar para o futuro, segundo a socióloga e doutora em educação Gisela Wajskop. “A brincadeira é a utopia das crianças. É se imaginar no futuro o que eu não posso ser hoje. As quatro estações, os quatro elementos, os cinco sentidos, são matéria prima para as brincadeiras”. É por isso que o “faz de conta” nunca desaparecerá de nossas mentes.

Então neste ano brinque de faz de conta que o Natal não é uma promoção com 30% de desconto e que São Nicolau não vai entrar pela chaminé. Faz de conta que conta que o menino Jesus nasceu e está bem perto de você. Faz de conta que seu calendário do Advento terá pedrinhas amarelas como se fosse ouro, como o meu primeiro carrinho de ferro.



## FALANDO COM O DOUTOR

### O que a memória ama fica eterno

por Dr. José Carlos Machado | Médico escolar

**E**ducar um filho não é tarefa fácil. Mas todos nós, principiantes, recebemos um dia essa incumbência e a exercemos da maneira que podíamos. Geralmente com força de vontade e, certamente, com boa intencionalidade que descobrimos depois não terem sido suficientes. Mesmo assim insistimos, brigamos, erramos e finalmente descobrimos que o que movimentou tudo isso foi revestido de amor e isso nos conforta.

A criança recebe o amor de seus pais, que lhe é dado de graça. Nós, pais, também temos essa recíproca, porém esquecemos, na maioria das vezes, que o fato de amarmos muito os nossos filhos não nos impede de também exigir deles respeito e reverência. Isso também faz parte da atitude de amar. Parece que nos esquecemos de ler nas letras miúdas do contrato que fizemos com o mundo espiritual que cuidaríamos, protegeríamos e amaríamos os nossos filhos, mas, sobretudo os conduzíamos com segurança, respeito e confiança. Pois bem, as crianças têm essa expectativa dos adultos que as conduzem, principalmente de seus pais, que sabem o que é bom

para elas e não necessitam barganhar esse amor que já lhes pertence. Podem e devem, portanto, colocar limites, ensinar a suportar frustrações e que a realidade não existe para os satisfazer; que não se pode ter tudo o que se quer na hora que se deseja, que nem tudo sai conforme planejado, mas que apesar disso tudo estamos ao seu lado. Isso também é amor e deve ser ensinado a elas.

Costumo dizer que **ser pai é também saber se tornar desnecessário**, para desconforto de muitos pais que questionam essa afirmação, garantindo-me que sua presença é muito importante para a vida de seus filhos. Eu respondo que sim. Existe e sempre existirá importância nessa relação, mas ajudar na autonomia e no desenvolvimento é uma qualidade que não deveríamos abrir mão. Isso nos remete à nossa própria consciência de que nosso papel como condutores que somos de nossos filhos está justamente na importância dessa função. Isto é, mostrar a direção a seguir, incentivar, torcer e se afastar à medida que vão crescendo. Trabalhar internamente essas dificuldades é um ato de amor.

Na contramão disso fica nosso egoísmo quando desejamos reter nossos filhos, boicotando-os quando lhes possibilitamos receber tudo de “mão beijada”, comodamente, sem esforço e sem sacrifício. Isso demonstra que, mesmo os amando muito, podemos confundir e inverter valores. Com esse comportamento as crianças e os jovens não aprendem o que é reconhecimento. Só tiveram a experiência de que aquilo que dispõem foi oferecido pelos pais: a roupa da moda, o tênis bonito, a comida, o celular. Pais que dão muito e não exigem nada em troca, nem mesmo um gesto de carinho. Desse modo, como consequência lógica, esse “dar” será necessário “ad infinitum”.

Atrás dessa abundância de excessos existe também a incoerência de oferecer ao filho tudo aquilo que se julga que seja bom para ele, sem se refletir, talvez, se existe de fato a necessidade. As coisas oferecidas às crianças deveriam passar por esse crivo. De que adianta comprar o vigésimo carrinho ou a décima boneca se a criança nem brinca com todos aqueles brinquedos que já tem? Isso gera desperdício que se atrela a duas outras situações: a falta de reverência e a ingratidão. Essa abundância, esse excesso, mesmo revestido de carinho, fica desproporcional, inadequado, demasiado.

O amor também tem seus tempos e suas medidas. A criança entende isso. Os adultos nem sempre, porque não confiam que um gesto de amor também pode estar na contido na palavra “não”. Receiam perder o amor de seus filhos e isso é um grande engano. Devemos estimular a criança a superar as suas dificuldades, não fazendo isso por elas. O amor é também confiança. Precisamos confiar que sabemos o que é melhor para nossos filhos.

Tudo isso fica na memória da criança. Essas nossas atitudes, esses cortes que precisam ser feitos para que a criança e depois o jovem possam se lembrar, porque foi ensinado pelos pais que ele aprendeu a respeitar e confiar. Essa atitude dos pais é estruturante no equilíbrio psíquico da criança, pois norteia e dá uma direção segura.

Precisamos de coragem para isso. Coragem não é a ausência do medo, pois educar um filho não é tarefa fácil. Coragem é lançar-se a despeito do medo. Desejo a todos, portanto, coragem com amor.



**“AQUILO QUE ESTÁ  
ESCRITO NO CORAÇÃO  
NÃO NECESSITA DE  
AGENDAS, PORQUE A  
GENTE NÃO ESQUECE.  
O QUE A MEMÓRIA  
AMA FICA ETERNO.”**

**RUBEM ALVES**



# A VOZ DA COMUNIDADE

## A família que sempre sonhamos

por Jessica Scalabrini | Mãe da Mel (13 anos), Gustavo (12 anos), Theo (11 anos), Isabelle (10 anos), Maria Eduarda (8 anos) e Sophia (3 anos).

**M**eu nome é Jessica Scalabrini e minha história com a Escola Waldorf Francisco de Assis começou há quase 27 anos, com meu irmão, que é especial e atualmente tem 32 anos. Na época em que ele estava em idade escolar não existia a questão da inclusão, com isto, não tínhamos nenhuma escola que o aceitasse como aluno. Com esta necessidade e por indicação das terapeutas do meu irmão, minha mãe conheceu a EWFA e nos encantamos! Logo comecei a sonhar com a ideia de estudar lá, mas lembro de ter ficado muito triste quando soube que só tinha até o Jardim.

Após um período estudando lá, meu irmão acabou saindo, pois ele realmente precisava de uma escola especial. Mas, naquele tempo em que convivemos com a Francisco de Assis, algumas sementes foram plantadas em nós...

Passados alguns anos, conheci meu marido. Éramos muito novos, eu tinha 15 anos e ele 17. Nos conhecemos na escola, crescemos e ama-

durecemos juntos. Desde o início, planejamos nossa família, casamento, futuro, etc. Depois de casados e já com nossa filha mais velha (na época com menos de 1 ano), decidimos nos mudar para Arujá, na Grande São Paulo, procurando melhorar nossa qualidade de vida. Após nosso segundo filho, veio a pergunta: Iríamos para o terceiro ou partiríamos para o nosso sonho de adotar uma criança? Com o pensamento de que tem tanta criança sem família, decidimos entrar na lista para adoção!

Somente após um ano nossos dados foram incluídos no cadastro nacional e, em menos de uma semana, recebemos uma ligação da assistente social de uma cidade próxima dizendo que tinham a criança do nosso perfil (que seria uma criança de até cinco anos, com possibilidade de um irmão, sem discriminação de raça ou sexo, etc). Quando chegamos lá descobrimos que, na verdade, era um grupo de três irmãos! Não conseguimos separá-los, então adotamos todos!

Foi um período trabalhoso e delicioso, pois tínhamos cinco crianças menores de sete anos em casa! Lógico que tivemos todos os tipos de sensações (felicidades, tristezas, amores, decepções, etc...), mas sempre com muita ajuda, tanto da família quanto de amigos e até de desconhecidos que chegavam no momento exato que estávamos precisando!

Depois de alguns anos, engravidei de novo (planejado)! Que felicidade! Veio a pequena que criou um elo entre todos nós, unindo ainda mais a relação que tínhamos, pois, mesmo tendo muito entrosamento entre todas as crianças, a menor foi muito aguardada por todos os irmãos, que participaram da gestação.

Nossa vida nos mostrou uma oportunidade e surgiu a opção de voltar para São Paulo, mas com isso, veio a insegurança... Será que era o caminho certo? E o que mais nos preocupava, era em qual escola colocaríamos nossos filhos... Digo que era a que mais nos preocupava pois neste período já tínhamos identificado algumas necessidades pontuais em nossos filhos...

Ao pensar na decisão de vir para São Paulo, sempre lembrava da Francisco de Assis da época do meu irmão, daquela escola que deixou sementes boas em mim, mas achava que a escola tinha fechado, já que passava em frente ao endereço antigo e não estava mais lá. Foi então que tive a felicidade de começar um curso e junto comigo tinha uma professora que estava explicando alguns conceitos diferentes da escola em que ela lecionava... e eu reconheci aqueles conceitos e foi então que ela me disse que era uma escola Waldorf. Expliquei que sempre sonhava em colocar meus filhos lá, mas era uma pena que não existia nenhuma escola na Zona Norte. E qual não foi minha surpresa quando ela disse que dava aula na Francisco de Assis! Não consegui acreditar em tal coincidência!

Na mesma semana estávamos lá, fazendo a entrevista, tendo a certeza de que era isto que queríamos para nossos filhos. Faltava apenas sermos aceitos e ter as vagas para todos (o que não é muito fácil para uma família com seis crianças!). Quando recebemos a confirmação de que eles tinham sido aceitos e tinham as vagas, comemoramos muito! Porém, estávamos em Agosto (entramos no meio do ano) e bem no meio do 8º ano da minha filha mais velha... no meio do furacão do TEATRO! E que experiência maravilhosa vivemos. E tão intensamente! Foram dias cansativos e exaustivos, mas que tiveram um significado tão grande para nós, mesmo tendo entrado há tão pouco tempo!

E então, algumas pessoas nos perguntam: Mas como é possível, após todos esses anos (mais de 20 anos juntos) e seis filhos, continuarem assim? Bem, nunca nos esquecemos da base: **nós!** Foi nosso amor que cultivou a família linda que temos, então como nos esquecer disto? Obviamente temos uma infinidade de compromissos, responsabilidades e problemas, mas reservamos alguns momentos que são nossos, onde conversamos sobre nosso dia, dividimos os problemas, definimos quais atitudes tomaremos com nossos filhos, sentamos no sofá juntos, dividimos uma sobremesa (que aliás, adoramos!). Sempre que podemos (ao menos uma vez no mês) saímos só nós dois... Adoramos ir ao cinema, comer pipoca e passear de mãos dadas. Afinal, tudo começou assim! Então, embora cansados da agitação do dia a dia, nos sentimos equilibrados e fortes o bastante para resolvermos quaisquer adversidades que possam surgir!

E embora muitos possam não entender, temos a família que sempre sonhamos. E me orgulho em dizer que temos seis filhos: Mel (13 anos), Gustavo (12 anos), Theo (11 anos), Isabelle (10 anos), Maria Eduarda (8 anos) e Sophia (3 anos).



Ilustração | Vinicius Pereira Mercante Magalhaes e Silva

## É ASSIM QUE SOMOS... Aprendemos a aprender

por Vinicius Pereira Mercante Magalhaes e Silva | Ex-aluno da EWFA

**P**osso começar esse texto assim como o Duque, no espetáculo “O Homem de la Mancha” o fez. Acusando a mim e a todos vocês de serem “idealistas, maus poetas e pessoas honradas”. Idealistas, pois nós nunca conseguimos simplesmente aceitar as coisas como são; maus poetas porque todo mau poeta tem a constante chance de melhorar e honradas visto que fazemos todos parte de uma “cavalaria andante”, que anda com os pés descalços na irmã Terra e compreendem a complexidade dos irmãos Sol, Lua e outrem.

Tais adjetivos acima mencionados nos compreendem de maneira singela no mundo afora e refletem diretamente no nosso *modus operandi* e também na maneira como nos veem. Nosso idealismo é refletido diretamente no nosso dia a dia profissional. Nunca aceitamos as coisas como são. Temos em nosso

âmago uma força que nos atrai para questionar e lutar em favor do que acreditamos, mesmo que tudo indique o contrário. É assim que somos. Waldorf's.

Conseguimos soluções criativas e diferentes para os problemas do mundo. Temos uma desenvoltura social que nos destaca e provoca um movimento constante ao nosso entorno. Somos “vibrantes” com o que nos cerca.

Posso dizer que “não é tão simples quanto pensamos”, mas com certeza o que vivenciamos dentro do processo da escola “cabe em três vidas inteiras”, e sempre cabe a todos nós.

Nós conseguimos com o processo da escola, mais do que aprender as questões básicas de ensino, aprendemos a vivenciar a subjetividade humana em sua natureza mais profunda. Nós sofremos, mas também aprendemos maravilhosamente

bem. São processos difíceis. O mundo aí afora pensa e fala de maneira apreensiva, muitas vezes, por não compreender o quão benéfico é esse exercício social que essa escola propõe, mas nós temos de estar totalmente seguros de que, apesar de conturbados processos internos, todos eles são carregados de amor. É um lugar onde todos, em suas particularidades e subjetividades conseguem, cada um de uma forma, contribuir para o todo, como uma grande família cheia de “irmãos e irmãs”, como dizia Francisco.

Com tantas experiências e saberes, oriundos dos mais diversos lugares, nós, “filhos de Francisco”, somos particulares. Nós começamos fazendo o necessário, depois partimos para o que é possível e de repente se tornam incontáveis os impossíveis feitos que conquistamos. Sonhamos sonhos impossíveis, lutamos quando é fácil ceder, vencemos inimigos invencíveis.

Concluo esse texto, caros Idealistas, falando tal qual Francisco: “ninguém é suficientemente perfeito, que não possa aprender como o outro é, ninguém é totalmente estruído de valores que não possa ensinar algo ao seu irmão”. A partir disso, saibam sonhadores e sonhadoras, que nossa jornada é longa, mas que constantemente lembramos de ensinamentos que tivemos no processo dessa escola. Nós não aprendemos apenas matemática, física, química, história, geografia, filosofia, línguas, etc. Nessa escola aprendemos sobre a subjetividade humana. Aprendemos a aprender.



# ACONTECEU NA FRANCISCO

## Viagem para Botucatu | 22 OUT Relatório de Mineralogia e Astronomia

Leticia Heinz Franca | 6º ano

Nós fomos primeiro para o parque, e lá nós vimos vários tipos de pedras ou, no jeito certo de se falar, rochas. Depois fomos para a Escola Waldorf de Botucatu. Lá, nós comemos e depois fomos para a pousada, onde tinham dois quartos, o dos meninos e o das meninas. No quarto dos meninos a janela ficava para a frente da casa e a das meninas atrás. Depois de colocarmos as malas no quarto, fomos para a sala de reuniões e lá fomos informados das tarefas. A primeira era se arrumar para ir no lago, a segunda era quando voltar, tomar banho, lavar a cabeça, colocar o pijama e ir jantar, depois ir dormir. Então nós fomos e nos trocamos, depois fomos para o lago que era uma hora de caminhada e quando chegamos eu tive medo de entrar por causa da lama, mas eu consegui. Nós achamos um barril que boiava e subimos nele, íamos até uma certa profundidade e pulamos do barril. Depois voltamos e tomamos banho, colocamos o pijama, jantamos e antes de dormir fomos ver as estrelas. Vimos a constelação de Escorpião, Capricórnio e outras também, depois fomos dormir. No dia seguinte, acordamos e fomos tomar café, depois nos trocamos e fomos ver uma fazenda. No meio do caminho paramos e falamos que a Lua envolve a água dos alimentos, depois fomos para dentro da fazenda. Vimos bezerras, a produção de manteiga e depois fomos almoçar. Ai fomos ver o museu das pedras valiosas, tipo cristais e depois fomos para o hotel e guardamos tudo. Então fomos acampar, paramos na metade da caminhada, pois tinha um rio e depois continuamos a caminhada. Chegamos numa "casa", só tinha banheiro e eu ajudei a montar as barracas, depois fomos numa floresta onde lá pegamos madeira para a fogueira, depois a Pro Bluma pegou um pano e colocou no chão, nós sentamos e vimos o sol com muita dificuldade, por causa das moscas, depois ficamos brincando, enquanto o jantar ficava pronto. Depois jantamos e fomos para a fogueira e lá a pro Carol contou sobre a história das Três Pedras. Ela falou que existia um monge que morava lá em cima. Ela disse que lá tem um portal para uma parte do México. Depois que ela contou, nós fomos dormir. No dia seguinte, acordamos cedo e subimos a montanha para ver o sol nascer. Depois que vimos, nós descemos, tomamos café da manhã, arrumamos as coisas e fomos embora para a caminhada. Nós certamos caminho e quando chegamos no ônibus, estávamos mortos de cansaço. Entramos no ônibus e fomos embora, até que paramos num restaurante que tinha uma piscina. E na piscina brincamos muito, depois almoçamos e quando terminamos tudo, fomos embora para casa.

Daniel Moraes Rocha | 6º ano

A viagem que fizemos na semana que foram os dias 17, 18, 19 nos trouxe uma experiência diferenciada do que já fizemos esse ano. A viagem nos propôs sensações de cansaço, surpresas, curiosidade, espanto, medo (para alguns), felicidade, alegria e etc. Quando estávamos no ônibus, descemos dele para lancha e ver as pedras sedimentares e sua história, que elas há milhares de anos estavam submersas e guardavam camadas cada vez mais fundo mais difícil se quebrar a pedra depois fomos desenhá-las e depois voltamos para o ônibus e fomos até a pousada. Quando chegamos na pousada nós nos ajustamos em nossas quartos pegamos maçãs e fomos para o quintal da frente para ficarmos em ordem dos signos e depois sermos os planetas. A Stella foi o Sol, Arthur Mercúrio, Ian Vênus, Anna a Terra, Daniel Marte e Théo Saturno. O Sol fica no centro depois Mercúrio primeiro planeta que demora meses para dar a volta no Sol, Vênus demora 6 meses para dar a volta no Sol, Terra 12 meses, Marte 24 meses, Saturno 48 anos. Cada planeta representa um signo. Depois fomos para a pousada e o professor Pedro pediu para nós representarmos o Sol de tamanho de 2,80 metros, nós pedimos para o Arthur deitar para medir aproximadamente 2,80, após medir pegamos um pedaço de madeira e marcamos o tamanho e depois fomos pegar as folhas de palmeiras para cobrir o círculo que fizemos. Depois de ter terminado nós fomos esperar os outros para ver o tamanho dos planetas entre si e o sol, depois vimos a diferença de cada planeta estar longe um do outro. Quando anoiteceu nós fomos em um lugar bem pertinho da pousada e fomos ver o céu, no começo nós tinha estrela depois ficou escurecendo até o máximo nós vimos as constelações: de Touro, de Orion, Escorpião, Sagitário, Gêmeos, as Três Marias e a Via Láctea (Caminho do Leite) vimos a Próxima Centauri, Satélite e etc. depois fomos até a pousada e fomos dormir. Quando acordamos nós fomos ver novamente as estrelas, vimos as constelações e etc. Voltamos para a pousada tomamos café e fomos até o museu de mineralogia onde havia várias pedras muito legais e aí ouvimos um pouco sobre a Demétria e as pedras de lava e areia. Voltamos para a pousada e pegamos nossas coisas e fomos para o ônibus para pegar a estrada de acampamento, nós chegamos até uma casa, nós nos ajustamos e fomos durante o caminho nós descansamos no lago e comemos maçãs e fomos de volta para o caminho para o acampamento quando chegamos deixamos nossas coisas e fomos pegar lenha para a fogueira e depois vimos o sol se pôr, depois brincamos acendemos a fogueira, contamos histórias de terror e depois nos avisaram que iam subir as três pedras da Cuesta. Quando acordamos pegamos casacos e as lanternas e fomos subir as três pedras quando chegamos vimos a vista do nosso horizonte e imaginamos coisas, depois descemos a Cuesta e pegamos um atalho para voltarmos para o ônibus, quando chegamos até ele nós conversamos e entramos e fomos até um Bifê que tinha piscina e nadamos, comemos, descansamos e fomos até o ônibus e fomos para casa.

Desenho | Stella 6º Ano



Stella Barreto Giroto | 6º ano

Hoje em nossa aula de Astronomia a professora nos separou em 2 grupos e deu a tarefa de tentarmos recriar o nosso sistema solar. Ela nos deu uma lanterna, uma bolinha grande e uma tampa de cola bastão.

Nós usamos a lanterna como sol (óbvio), a bolinha como a terra e a tampa como a lua, fizemos a lanterna ficar em pé e em seguida fizemos a bolinha girar em volta depois a tampa orbitar a terra.

Em seguida a professora nos explicou sobre as fases da lua e depois nós fizemos um desenho no caderno sobre isso.

# ACONTECEU NA FRANCISCO Viagem para Botucatu

Relatório de Mineralogia e Astronomia

## Vicente Borghi | 6º ano

Dia 1 - Nos despedimos e embarcamos no ônibus, em frente a escola, e fomos na longa viagem até nosso destino. Depois de mais de uma hora, chegamos no Parque Varvito, onde, mesmo já tendo ouvido sobre ele antes de entrar na Waldorf, me impressionei com as enormes rochas sedimentares, vastas paredes, de qual um deles apresentava uma rocha soterrada entre sedimentos, um verdadeiro fóssil. Depois continuamos a longa viagem, almoçamos e chegamos na pousada. Lá deixamos nossas coisas e fomos até um lago, onde nos divertimos brincando de barco com um barril. Apesar das cacetadas que levei no boné com exoesqueletos de cigarra. Chegamos na pousada, tomamos um refrescante banho e admiramos as estrelas, vendo as belas constelações de Escorpião, do Cruzeiro do Sul, de Sargitário, e também a indígena da Ema. Quanto aos planetas, chegamos a ver Saturno. Aliás, antes de observarmos as estrelas fizemos uma atividade dos planetas, onde cada colega representou um planeta. Depois de admirarmos as estrelas, fomos para a cama.

Dia 2 - Acordamos por volta das 5:00 da manhã para ver as estrelas e constelações, como Órion. Vimos também o planeta Vênus e o nascer do Sol. Voltamos a pousada, tomamos café, brincamos, vimos galinhas e vacas, brincamos na gangorra. Naquele dia fomos também a uma fazenda cheia de vacas e porcos, e muito esturmo de gado. Vimos o processo de extração do leite e a preparação da manteiga. Nós também preparamos as coisas para o acampamento que nos aguardava. Deixamos as mochilas que continham coisas inúteis para o acampamento, tais como coleção de pedras, roupas sujas e capas de chuva, no porta-malas do ônibus. Cortamos grande parte da caminhada graças ao protetor solar. Chegamos em uma fazendinha onde enchemos nossos cantis e passamos contra o sol forte do Cerrado. Nos alongamos e fomos para a trilha que nos parecia interminável por causa do clima árido. Depois de pouco menos de uma hora chegamos ao local do acampamento, aos pés da formação geológica das Três Pedras, nada mais nada menos que três montanhas compostas em sua grande parte por arenito. Montamos as barracas, desenhamos as montanhas e relaxamos comendo um lanche. Vimos o pôr do sol, jantamos e pegamos lenha para a fogueira. Nesta última aventura de pegar lenha, os mesmos garotos que acharam exoesqueletos de cigarra haviam encontrado uma garrafa de cachaca. Levaram-na e depois fizemos a fogueira. Contamos histórias horripilantes. Em seguida nos deitamos, mais para fora do saco de dormir, com pijamas curtas e as janelas da barraca abertas, por causa do calor que fazia.

Dia 3 - Acordamos morrendo de frio. Nos trocamos rapidamente e nos preparamos para escalar uma das Três Pedras. Lá, na altitude, desfrutamos do nascer do Sol. Descemos e arrumamos nossas coisas para ir embora. Após um belo café da manhã, fomos por uma trilha, dessa vez por baixo das árvores. Voltamos a mesma fazenda do começo, entramos no ônibus novamente e fomos ao restaurante, onde nadamos, comemos, entramos no ônibus novamente e nos despedimos daqueles belos lugares que fomos.

# A VIDA EM VERSO

## O Sentido e o Poder da Substância do Verbo Amar

por Vidal Bezerra da Silva, pai do Ex-aluno Caíó Astone Silva, pós-graduado pelo Instituto de Estudos da Linguagem - IEL da Unicamp

Nós somos pedras brutas,  
carecemos de muito labor;  
'nossas vidas são feitas de lutas'  
e, tal qual o bom lavrador faz:  
semeia na estação a esperança  
para alimentar uma população,  
a qual carece de uma certeza,  
de uma luz, de uma Transfiguração.

É chegado mais um tempo,  
que nos permite mutar,  
para que, com sabedoria,  
possamos a vida trilhar.  
Já sabemos que são muitas as veredas,  
para uma harmoniosa solução...  
No Advento podemos renovar a confiança  
para a nossa profunda evolução.

Todas as energias do universo,  
em confraternização celestial,  
nos conduzem ao Sinal que simboliza  
a Celebração do Amor Total.

Tem grande valia o âmago da crença,  
que fortalece uma religião...,  
porém o que fica nesta existência:  
É a força do Amor em Ação.

Nesse instante de mudança,  
não venhamos nos afastar  
do grandioso aprendizado  
que Tal Fato nos propõe ensinar:  
não precisamos do consumismo  
para aprender a partilhar...  
Preparemos nossos caminhos  
tal qual fez Batista - O João;  
transformemos os espínhos  
e irriguemos nosso coração  
para que sempre fique conosco,  
com grande esmero, afeição,  
gestos significativos e calorosos:  
a Essência da aprendida Lição.

Qual pode ser o Sentido e o Poder da  
Substância do Verbo Amar?  
Cada instante é precioso para discernimos  
o valor de cada segundo:  
Ao nascer numa Simples Manjedoura  
para o Mundo Transmutar;  
O Cristo, com muitos altivos atos,  
mostrou-nos o Amor Profundo.



# AGENDA

## DEZEMBRO

06 | Apresentação de Euritmia "Noites das artes"

07 | Assembléia Geral Ordinária e Extraordinária

08 | Encerramento ano letivo

09 | Teatro Natal

09 | Formatura 12º ano

11 a 13 | Planejamento Professores

## JANEIRO 2018

02 a 28 | Recesso Escolar

22 a 24 | Planejamento

25 | Aniversário de São Paulo

29 | Início ano letivo E.F e E.M.

30 | Cerimônia do 1º ano

31 | Início da Educação Infantil

## FEVEREIRO 2018

12 a 14 Feriado | Carnaval

15 e 16 | Recesso

24 | Atividade Pedagógica e Recepção de Pais Novos

